

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 266 - Volume XXX - Porto Velho - Outubro/2010.
ISSN 1517-5421

Capa: Eliaquim da Cunha

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA

ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

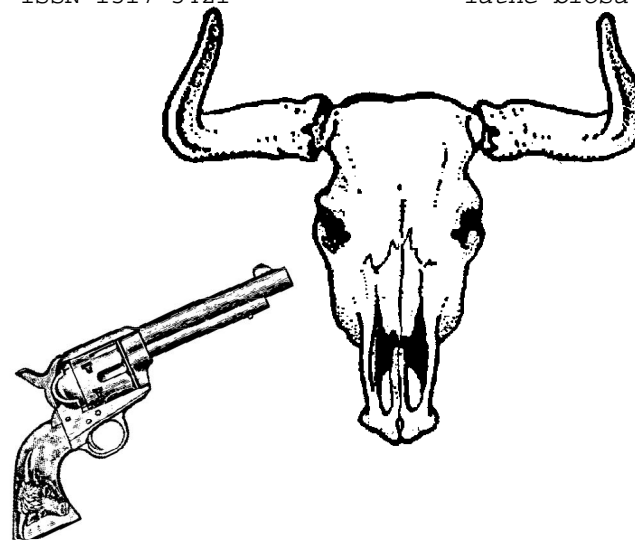
CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970 PORTO VELHO-RO

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

266



Romance e Sociedade: Apontamentos Teóricos

Rafael Ademir Oliveira de Andrade

“Pisado, até mesmo o menor verme se revira” Franz Kafka

Resumo

Neste artigo nos propomos a desenvolver uma análise da sociologia da literatura a partir de Bourdieu, Candido, Ianni e Goldmann. Analisando tais teorias e as relacionando entre si, discutiremos o conceito de campo social, campo literário em suas relações com outros campos sociais, o papel dos atores engajados no jogo (autor, obra e público), como este jogo se configura na modernidade e quais as peculiaridades do romance e do herói romanesco nesta estrutura. Assim, acreditamos estar iniciando uma discussão mais específica sobre o assunto, que se concretizará em outros trabalhos.

Palavras-chaves

Sociologia – literatura – modernidade – campo social – romance.

Abstract

In this article we propose to discuss the sociology of literature based on scholars such as Bordieu, Candido, Ianni and Goldman. Starting from these theories and the relationship existing among them, we intent do study the concepts of the social and the literary fields and its relationship with other social fields. We also want to discuss the role of the engaged actors in the play (author, readers and work), and how this play is set up in the modernity. We propose to investigate what are the peculiarities of the novel and the romanesque hero in this structure. In this way we believe we are starting a more specific discussion on the subject which can be developed in further works.

Key-words

Sociology – literature – modernidade – social fields – romance.

Introdução

A leitura dos “Diários” de Franz Kafka nos remete a uma reflexão importante. Ao ler esta obra compreendemos que os objetos que perfuram, incomodam o escritor durante a produção de suas obras incomodam a todos os artistas da modernidade. Assim como este, temos que participar de jogos dos mais variados campos sociais, os campos da economia e do poder trespassam o campo das produções literárias, influenciando o público, os atores engajados na publicação e divulgação das obras por fim, os próprios autores. Kafka não foi o primeiro a perceber (podemos citar o francês Honoré de Balzac, que procurou se sustentar economicamente com sua produção literária, a última parte de “Almas Mortas” de Nicolai Gogol, que foram destruídas por motivos religiosos e até mesmo a obra “O Jogador” de Fiódor Dostoievski, escrita para saldar dívidas do autor) que as estruturas instauradas na modernidade influenciariam a produção literária desde a criação do romance até os tempos atuais.

1 Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rondônia.

Este artigo se propõe a investigar, mas não esgotar completamente, estas relações apresentadas acima e buscar ir além: a noção de campo social, de campo literário (sendo o campo literário um dos campos sociais), a relação dos atores engajados no campo (entre si e com outros campos), relacionarem o autor, a obra e o público e suas influências mútuas e por fim, uma breve análise do herói no romance moderno. E, apesar da apresentação “internacional” deste artigo, relacionaremos tais teorias ao movimento modernista brasileiro, que objetivava trazer o “universal” ao “nacional”, expandindo (por gula antropofágica) nossas fronteiras. Esta reflexão teórica tem como objetivo embasar a análise do movimento modernista brasileiro em específico o trabalho inovador de Oswald de Andrade, que por suas revoluções estéticas e políticas, será objeto de análise de um trabalho posterior.

Nosso alvo é demasiado específico e por tal motivo, um artigo não iria esgotar seu estudo. Assim, podemos afirmar que um “primeiro passo” está sendo dado.

Literatura e Sociologia

Neste trabalho, realizaremos um panorama geral dos conceitos da sociologia da literatura. Na comunicação com a teoria de nossos autores principais, que são Pierre Bourdieu (1996), Antônio Candido (1985, 1992), Octávio Ianni (1999, 2002) e Lucien Goldmann (1967, 1979), objetivaremos entender em que ponto estas teorias se relacionam com o contexto social.

Em Bourdieu, analisaremos o conceito de campo social focando o campo social das produções literárias e suas relações com os campos que o permeiam e a partir desta análise buscaremos associar nossas definições com autor e obra estudados neste trabalho. Em Antônio Candido, apresentaremos a relação entre autor, obra e público, formas de uma análise sociológica da literatura, pois estes três pólos formam o sistema literário. A partir de Goldmann, iremos apresentar o conceito de romance, de herói, seu surgimento e desaparecimento na sociedade burguesa e estabelecer uma relação entre a produção burguesa e a produção da arte pela arte, conceito também apontado por Bourdieu. Abordaremos estas três teorias pois acreditamos que além delas se relacionem em alguns pontos específicos.

Enquanto Bourdieu e Antonio Cândido respondem à produção literária como obra surgida no meio social, levando em consideração a trajetória do autor, o contexto histórico social em que esta foi produzida e o público receptor, enquanto Goldmann, como nosso terceiro ponto de análise, procura interpretar a obra por seu “universo interno”, o contexto que se encontra dentro do texto, seus valores interno. A teoria desenvolvida por estes três pensadores formam, para nossa compreensão, uma forma coesa de interpretação.

A partir da leitura de artigos de Ianni (1999, 2002), a relação entre sociologia e literatura é explorada. Esta reflexão inicial entre sociologia e literatura, apresenta novos caminhos de análise sociológica que em conjunto com as teorias já apresentadas, nos permitirá uma análise da trajetória social do autor e da obra produzida sobre o prisma das mesmas. Intercalando nosso conhecimento destas teorias, compreendemos que a noção de campo social e suas relações nos permitem apontar que as relações entre autor, obra, público, o próprio surgimento do romance e do herói se dão no campo social da produção literária, e que o relacionamento dos atores (autores, editores, público leitor e críticos) se dá a partir do jogo interno do campo e da relação deste com campos que o cercam.

A maior parte das obras que relacionam sociologia e literatura parte da fundamentação de uma relação entre as obras, ou grandes obras literárias, de uma determinada época e consciência coletiva do grupo social a qual elas foram concebidas. Esta relação é bem explorada por Octávio Ianni (1999).

Segundo o autor, existe certa confluência entre arte e ciência, apesar das especializações que surgem nos dois pontos se apresentam como um problema em comum às duas formas de interpretação, pois tanto arte quanto ciência estão compromissadas com a construção ou representação de uma dada realidade. Assim como afirma que certo estilo de pensamento ou visão de mundo; impregnasse as criações de cientistas e escritores em uma determinada época. Na literatura de Oswald de Andrade, analisamos a presença de sua vontade política e estética de modernizar as artes brasileiras com o intuito de formar uma “arte genuinamente brasileira”, sobre esta perspectiva teórica, o contato do autor com a intelectualidade européia, o processo de modernização, a primeira guerra mundial e a quebra da bolsa de valores de 1929 marcaram as escolhas do autor e por consequência suas obras. Na leitura da trilogia “Os Condenados” é possível perceber um Oswald preocupado com a fundamentação estética do moderno e urbano e um segundo momento (a partir de A Escada Vermelha), temos um Oswald engajado com o movimento comunista no Brasil. Percebemos as mudanças na trajetória social em conjunto com as mudanças de representação literária.

Literatura e sociologia são diferentes, mas em muitos aspectos se aproximam como na criação de tipos e tipologias, tipos ideais e representantes de classes sociais, que podem ser classificados frequentemente como tipos medianos, tipos extremos e tipos ideais, que são criados com o objetivo de conceituar elementos de uma identidade nacional.

Ao aplicar esta afirmação a um estudo da literatura brasileira, Ianni afirma que uma das interpretações sobre o Brasil trata da “visão do Brasil, de sua história, como uma constelação de tipos, com alguns dos quais se constroem tipologias, sendo que, em alguns casos, desdobram-se em mitos e mitologias” (Ianni, p. 178, 2002).

No debate entre literatura e ciências sociais (ou arte e ciência) temos nas primeiras páginas de As Regras da Arte (1996) de Pierre Bourdieu a seguinte contribuição: “A literatura é a criação de um homem singular e por isso sua interpretação deve estar restrita à interpretação literária.” Esta afirmação busca confundir a análise científica dos livros e da leitura, pois, as ciências (sociais) teriam um “pacto” (uma relação estrita) com os números, os dados, diminuindo assim o caráter singular da criação literária. Compreendemos a criação literária como um produto da ação humana, formada e tomada conhecida a partir das relações de poder dentro dos campos sociais.

Uma análise sociológica da criação literária busca a análise científica das condições sociais na produção e recepção, das relações sociais do autor e “não visa dar a ver, ou a sentir, mas construir sistemas de relação inteligíveis capaz de explicar os dados sensíveis” (Bourdieu, p. 14, 1996) presentes na criação literária.

Compreender o campo social literário, das crenças, dos jogos de poder (simbólicos ou materiais) que se estabelecem no mesmo, não define uma redução da criação literária e sim uma nova visão da mesma, nas palavras de Pierre Bourdieu (p. 16, 1996) “É simplesmente olhar as coisas de frente e vê-las como são.”. Este novo olhar sobre a literatura implica na compreensão de dois conceitos do próprio autor: o de campo social e de campo social literário.

Campo social é definido por espaços com postos ou posições estruturadas e suas propriedades dependem das posições que se formam neste. Bourdieu afirma que existem leis invariantes no funcionamento dos campos assim como estes possuem propriedades específicas. O campo se define pelo apontamento dos objetos de disputa e interesses que não são iguais os de outros campos e não podem ser percebido por quem não é formado para participar do campo, os participantes do campo possuem certo número de interesses em comum, com o que é vital para a existência do próprio campo. Para que o campo funcione, se faz necessário a existência de um objeto de disputa e indivíduos que desejem disputar tal objeto, o “jogo” e estes devem possuir habitus que implique no conhecimento das leis do jogo e dos objetos.

A estrutura dos campos é mantida na relação de força entre os agentes engajados na luta de distribuição do capital específico, que é compreendido como capital válido somente dentro do campo. Estes confrontos de força dentro do campo têm como objetivo a obtenção do monopólio da autoridade específica, este jogo é reproduzido a partir da crença (illusio) dos participantes no valor do objeto que está sendo disputado. Os indivíduos que estão com o monopólio deste capital específico tendem a estratégias de conservação objetivando manter-se no domínio enquanto os recém chegados, geralmente com menor capital específico, tendem a estratégias de ruptura, que sob a ameaça de serem excluídos do campo, devem permanecer dentro de certos limites.

Os recém chegados devem reconhecer o valor do jogo e a prática do mesmo para serem aceitos dentro do campo. Para terminar nossa breve explicação, não exaurindo a complexidade do conceito de campo social, mas já nos aproximando da definição que buscamos neste trabalho, afirmamos que toda a história do jogo, o conhecimento acumulado, estão presentes em cada movimento de seus participantes e na crença particular no jogo de cada participante, sendo interesse dos indivíduos engajados conservarem o jogo e assim se conservar como participante.

O campo social literário é formado por produtores, editores, críticos, etc. É caracterizado por baixo nível de codificação e alta permeabilidade, com grande diversidade de postos, por este motivo, atrai e recebe em seu meio participantes com propriedades e convicções diferentes entre si. Indivíduos das mais variadas origens sociais participam do jogo, assim como crêem e possuem interesse pelo jogo e por suas apostas. Uma das apostas centrais do jogo do campo literário visa o monopólio de consagração de grandes produtores ou produtos, o monopólio da legitimidade da produção literária. A luta por este monopólio contribui para a reprodução contínua do jogo. As hierarquias ou fronteiras que são defendidas nesta disputa são, em última instância, a defesa do próprio campo. O campo literário deve ser o único com aval, com capacitação para legitimar o que é produção literária assim como a classificação desta. Em suma, a consagração das obras e produtores é delimitada pelo próprio campo.

Este poder simbólico influenciará a outros campos, principalmente os que receberão estas produções, assim como as posições ocupadas pelos participantes do campo da produção literária. Além desta característica, o campo social é o produtor do valor das obras de arte, que reproduz um sistema de crenças do valor desta produção e a crença no poder criador do artista, “o valor de uma obra é dada por indivíduos capacitados, ou seja, que também participem do campo das produções ou similares, instituições responsáveis pela crença no valor da arte” (Bourdieu, 1996, p. 259).

A análise do campo social das produções culturais tratada por Bourdieu aponta que interpretação da ciência das obras culturais supõe três operações ligadas à realidade social que representam. Em primeiro lugar, a análise da posição do campo literário no seio do campo do poder, e da evolução da sua autonomia em relação a este. Análise da estrutura interna do campo, suas leis de funcionamento e de transformação, relação de poder entre membros e seus grupos, por fim, a análise da gênese do “habitus” dos ocupantes das posições, o sistema de disposições, que é fruto da localização dos mesmos dentro das posições do campo. A construção do campo é uma condição para a construção da trajetória social dos indivíduos participantes do mesmo.

O modernismo, enquanto movimento artístico e político, se caracterizou pelo movimento de alguns agentes engajados no campo literário em direção a estabelecer uma nova relação com o campo do poder e a transformação de certos aspectos do campo literário, o que nos é apresentado em alguns temas contrastes: moderno versus tradicional, cidade versus urbano, literatura brasileira e literatura universal. O impacto deste movimento sobre o campo literário brasileiro no século XX transformou as relações deste com o campo do poder (e outros), algumas leis de funcionamento (mudança estética), a relação de poder entre os membros do campo (criando uma cisão entre os literatos brasileiros, uma nova discussão intelectual e jornalística).

O campo literário é considerado, se confrontado com o poder econômico, como um “mundo econômico invertido”, os seus participantes têm interesse no desinteresse, provando em muitos casos a autenticidade das obras pelo fato de que esta prática não gera nenhuma remuneração. Entretanto, por mais livres que estejam das negociações externas, os escritores são “atravessados pela necessidade dos campos englobantes, a do lucro, econômico ou político” (Bourdieu, 1996, p. 246).

Temos aqui a apresentação de um conflito interno do campo literário, que geram dois princípios de hierarquização, o heterônimo, que favorece os que dominam o campo de forma econômica e política, e o autônomo que representa a arte pela arte. O conflito entre os que defendem a “arte pura” e os que defendem a “arte burguesa ou comercial” visa impor os limites do campo aos seus próprios interesses. Estes limites conflitantes do campo literário são caracterizados pela dicotomia: O princípio da hierarquização externa, característica da “arte burguesa” é medido pelo índice de sucesso comercial (literatura comercial) ou de notoriedade social. Já o princípio de hierarquização interna, grau de consagração específica, favorece os artistas conhecidos e reconhecidos por seus pares e unicamente por eles, que não atendem à demanda do grande público, por consequência, característica da “arte pura”, arte pela arte (Bourdieu, 1996). A independência (arte pela arte) ou subordinação (arte comercial) com relação à demanda do grande público e às sujeições do mercado, adesão dos valores de desinteresse, o volume do público, constituem sem dúvida o indicador mais seguro da posição ocupada no campo.

A confluência entre literatura e sociedade é apresentada também por Antônio Candido em *Literatura e Sociedade* (1985). Este autor parte da afirmação que o fator social (externo) desempenha certo papel na constituição da estrutura da obra, tornando-se interno, “fundido-se texto e contexto numa interpretação

dialética íntegra” (Candido, p. 04, 1985) e somente partindo desta combinação o processo de interpretação se torna completo. Segundo o autor, existem seis tipos de análise sociológicas da literatura. O primeiro tipo procura relacionar o conjunto de uma literatura, um período, com as condições sociais. Um segundo tipo procura investigar em que uma determinada obra literária espelha ou representa a sociedade, descrevendo seus mais variados aspectos, relacionando suas características com as que são apresentadas na obra. O terceiro tipo, uma sociologia do gosto literário, estuda a relação entre obra e público: destino, aceitação e a ação recíproca entre obra e público. O quarto tipo estuda as posições e a função social do escritor procurando relacionar obra, autor e suas relações com a sociedade. O quinto tipo, procura investigar a função política das obras e dos autores, pendendo para um cunho ideológico. O sexto tipo volta-se para a investigação hipotética da literatura em geral ou de certos gêneros. O quarto e o quinto tipo de investigação literária serão os mais presentes neste trabalho, não nos evadindo dos outros confrontos.

A tríade autor, obra e público é explorada por Antônio Candido em seu livro “*Literatura e Sociedade*” (1985). O autor concebe uma criação individual e esta é ou não reconhecida como criação deste autor, a obra marcada pela sociedade se torna veículo das aspirações individuais do autor. O autor concebe sua obra na individualidade, mas o contexto social atribui um papel específico neste processo. A obra depende estreitamente do artista e das condições sociais que determinam sua condição. É determinada pelo fluxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação que “nela se transmutam em conteúdo e forma” (1985, p. 30) e por fim, o público é o receptor da arte e não se constitui um conjunto uniforme, mas sim em um conjunto sem estrutura formando agrupamentos que se configuram com objetivos e gostos específicos, e a influência deste público é enorme sobre o artista. O gosto do público é padronizado pela sociedade e impõe uma forma de reações automáticas. Apesar do autor não se orientar pelo gosto do grupo, pois a obra é concebida inicialmente na individualidade, por aspirações individuais, a recepção da obra e a consagração de obra e autor dependem da aceitação destes grupos configurados e padronizados pela sociedade. Em toda a teoria de Antônio Candido, notamos o deslocamento da obra para o contexto social, circunstâncias que levaram à sua produção e a repercussão da obra e sua função na sociedade.

Segundo o autor, os fatores sociais, como formadores de estruturas, assim como os fatores psíquicos, são decisivos para a análise sociológica da literatura. Ao utilizarmos desta teoria em ligação com a teoria de Pierre Bourdieu (1996), identificamos que a autonomia do campo literário em relação aos campos que o circundam, como por exemplo, o campo da mídia influenciará diretamente na recepção de uma determinada produção, que poderá ser negativa ou positiva e esta teoria se comunica diretamente com a supracitada quando esta afirma que o sistema literário (autor, obra e público) determinará a interpretação da obra a partir de uma ótica sociológica.

Na produção de textos, e falamos tanto da literatura quanto da sociologia, não falamos de imaginação puramente como construção desta realidade, mas vinculamos a esta criação aspectos sociais que levam o artista ou cientista até tal resultado. Os traços sociais, convergências de valores e ações apresentadas na obra literária revelem o clima cultural em que a mesma é concebida. Os mesmos dilemas enfrentados por escritores, cientistas, pensadores, trabalhadores, enfim, por certos agentes dos campos sociais, em sua vida pública e privada, podem ser apresentados na literatura assim como na ciência. Assim, existem personagens, grupos e classes retratados na ficção cujas vidas tornam-se representativas da situação histórica que as determinam. Assim, representados a partir de um conjunto de crenças apresentados pelo autor, a trama social aparece nitidamente e é julgada, formando um caráter social destes personagens, grupos e classes sociais.

A obra literária é considerada pelas teorias que abordamos até então como representação de aspirações pessoais do autor e representação de outros aspectos sociais como, por exemplo: a independência do campo literário (discutido por Balzac em *Ilusões Perdidas*), fatos históricos (tendo como exemplo os grandes romances históricos ou até mesmos fragmentos, a citar “O Colar de Veludo” de Alexandre Dumas, que cita a revolução de 1789 e suas mudanças sociais) ou a situação social, econômica e cultural que atravessaram a trajetória social do autor. Abordaremos a obra literária enquanto produção social que possui um sistema interno de valores, cujos personagens irão enfrentar ou corroborar, a partir da teoria de Goldmann (1967).

Existe uma correlação entre os valores contidos na estrutura interna do romance e os valores do mundo em que o autor desta obra: todos se originam de uma interpretação de uma dada realidade social em que o autor não pode se esquivar e por consequência, sua obra. Os valores podem negar ou afirmar “o mundo”, mas sempre se relacionarão com o mesmo.

O herói e o “mundo” devem estar em constante conflito, ambos se encontram degradados em relação a estes valores autênticos, valores encontrados no interior do romance, que regulam suas relações e o conflito existente ocorre da diferença das degradações. O herói, personagem problemático em conflito e desacordo com o mundo do conformismo e passividade geral, é o constituinte do que se chama romance, criação da sociedade individualista, cuja vida econômica, considerada a mais importante na vida moderna, tende a diminuir o valor qualitativo dos objetos e dos seres dando ênfase para uma relação de troca puramente quantitativos. Goldmann afirma “Naturalmente, os valores de uso continuam existindo e regem até, em última análise, o conjunto da vida econômica: mas a sua ação adquire um caráter implícito, exatamente como o dos valores autênticos no mundo romanesco.” (Goldmann, p.17, 1967). Assim, nestas relações, o indivíduo degradado, que será o protagonista do romance, é gerado na sociedade moderna. As teorias de Bourdieu e Candido aqui apresentadas relacionam sociedade e literatura. O romance, como nós concebemos e pretendemos estudar, é construído sobre certas características presentes na modernidade. Para analisar esta configuração, nos baseamos na teoria do sociólogo Lucien Goldmann.

Esta relação entre herói e mundo é fundamentada pela teoria de Lukács, que a partir desta interpretação compreende três tipos de romance no século 19: o

“romance do idealismo abstrato”, caracterizado pela relação do herói e de sua consciência estreita em relação à complexidade do mundo, o romance psicológico, que é orientado para análise de aspectos interiores do personagem que mantém uma atitude passiva frente ao mundo e por fim, o romance educativo, em que o herói opta pela auto-limitação, mas não abandona o confronto com os valores do mundo.

O romance pode ser compreendido, a partir de Goldmann, como a obra literária que têm como característica um herói problemático que na narrativa está em busca de valores autênticos, em um mundo degradado. Como valores autênticos, Goldmann compreende os valores que estão presentes no romance com o objetivo implícito de organizar seu universo. Fábio Lucas (1970) em sua obra “O Caráter Social da Literatura Brasileira” apresenta esta afirmação dando a entender que não apenas o romance possui personagens e valores que discordem da visão do mundo. Segundo o autor

O ficcionista social, do nosso ponto de vista, será aquele capaz de representar nos seus tipos e heróis a perdida unidade do homem, isto é, fixar aquele ser a que roubaram horizontes, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila (Lucas, p. 52, 1970).

O romance sempre corresponderá a uma estrutura mental compartilhada por participantes deste ou daquele campo social. Visto que um indivíduo completamente isolado das relações sociais não seria capaz de gerar relações que correspondessem a uma visão de mundo, Goldmann acerta a questão afirmando que

“Semelhante estrutura só poderia ser elaborada por um grupo, podendo o indivíduo imprimir-lhe apenas um grau de coerência muito elevado a transpô-la para o plano da criação imaginária, do pensamento conceptual, etc.” (Goldmann, p. 19, 1967).

Ordinariamente, a literatura romanesca é uma forma de produção cultural que representará a consciência coletiva de uma determinada classe social, ou como afirma a teoria marxista, a expressão cultural e artística não poderia se dar a não ser por intermédio da consciência de classe.

Os teóricos que tivemos contato nesta pesquisa apontam de forma variada a influência do público receptor, da classe social em que o autor se encontra ou se relaciona, grandes acontecimentos históricos, a autonomia do campo literário. Nas produções artísticas e literárias. Entretanto, “para o materialismo dialético, este é um postulado fundamental.” (Goldmann, p. 71, 1979), acrescentando nesta fundamentação, os fatores econômicos e as relações entre as classes sociais.

Esta afirmação recebe críticas que afirmam que ligar as obras literárias ao materialismo dialético seria os valores das mesmas a contingências econômicas e sociais.

Um dos aspectos sociais mais relevantes para concepção marxista da sociologia da literatura é o conceito de fetichismo da mercadoria e coisificação, que ocorre quando, nas sociedades voltadas para o mercado, a consciência coletiva se transforma em um reflexo da sociedade de mercado e posteriormente desaparece. Assim, as manifestações literárias nestas sociedades que produzem para o mercado, as ligações entre sociedade e literatura se produzem fora da consciência coletiva. Lucien Goldmann (p.22, 1967) apresenta quatro hipóteses de influência de fatores diferentes, as quais nós interpretamos como características sociais da literatura na sociedade de mercado: o pendor para valores quantitativos sob o ângulo da mediação, para fazer do dinheiro e do prestígio social valores absolutos e não simples mediações entre o público, obra e valores qualitativos da mesma; a subsistência nesta sociedade de certa quantidade de indivíduos problemáticos, com pensamentos e comportamentos controlados e direcionados por valores qualitativos.

A obra romanesca não pode ser uma obra individual, gerada fora de um conjunto de crenças de classe, logo uma sociedade onde um “descontentamento afetivo não conceptualizado” (Goldmann, 1979) se desenvolvesse em seu seio e por como quarta colocação, os valores do individualismo liberal tornaram-se constitutivos do romance, pois formaram o indivíduo problemático.

A dissolução do regime de mercado livre e o surgimento do monopólio provocaram a dissolução do herói, processo que se deu essencialmente em dois períodos: o primeiro, de transição, substitui a biografia por valores nascidos de ideologias diferentes, como as literaturas surgidas no seio dos países de economia socialista e o segundo período que se estende até hoje, que se caracteriza pela ausência de “tentativas” de substituir o indivíduo para escrever o romance da ausência do mesmo. Estas duas formas romanescas são compreendidas como formas de resistência à sociedade burguesa, uma “resistência individual que não pôde apoiar-se, no seio de um grupo, se não em processos psíquicos afetivos e não conceptualizados, precisamente porque as resistências conscientes que poderiam ter elaborado formas literárias implicando a possibilidade de um herói positivo (...) não se desenvolveram suficientemente nas sociedades ocidentais (Goldmann, p. 25, 1967). Mesmo sendo concebido no sistema capitalista, o romance e o seu personagem geralmente não representa a classe burguesa e sua consciência. O burguês (a classe burguesa) extremamente racionalista ignora e menospreza as artes em geral assim, “não encontramos grandes manifestações literárias da consciência burguesa propriamente dita” (Goldmann, p. 27, 1967), pois o artista é um ser problemático, em contradição com a sociedade em geral e por isso, é seu opositor e crítico.

Considerações Finais

Ciência e arte se propõem a interpretar o mundo, cada um com seu método e visão. A literatura, da forma como foi concebida com o advento das instituições modernas representa o “novo mundo” que se formou e aqui nos aproximamos da sociologia, cujo enftretamento principal é compreender a modernidade, com suas máquinas, com a globalização e o seu indivíduo alienado e por conseqüência, problemático. Assim, temos duas frentes de confronto que buscam o mesmo objetivo, a partir de métodos e teorias diferentes, sociologia e literatura buscam interpretar, dar sentido, construir e influenciar “visões de mundo”.

Os autores aqui analisados foram importantes para nossa compreensão desta relação. Uma sociologia da literatura se dá na interpretação das obras (ou das grandes obras literárias) com uma forma de pensar a realidade social de uma determinada época, não excluindo o autor das obras como entes flutuantes, acima da esfera social, mas sim como indivíduos que a partir de uma vontade individual, foram influenciados pelo meio social e o influenciaram reciprocamente.

Entender esta relação e as teorias que a dão suporte são um ponto principal para o estudante das ciências sociais que deseja estudar uma “sociologia da literatura”.

Bibliografia

ANDRADE, Oswald de. A trilogia do Exílio: I. Alma (1922) – II. A Estrela do Absinto (1927) – III. A Escada Vermelha (1934) / Oswald de Andrade. – São Paulo: Globo, 2003. – (Obras Completas de Oswald de Andrade). O aluno de Romance / [crítica] por Mário da Silva Brito – A trilogia do Exílio [crítica] por Sérgio Millet.

BOSI, Alfredo. Historia Concisa da Literatura Brasileira. 41ª Edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- BOTELHO, Maria Izabel Vieira. Literatura e Sociedade: Uma abordagem sociológica de obras literárias Românticas. *Revisa Gláuks*, v. 5, nº 2, 2005, p15-26.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 7ª Edição, São Paulo, Editora Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de Ficção*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3ª Edição, Rio de Janeiro, José Olympio, Niterói, UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10ª Edição, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.
- IANNI, Octávio. Tipos e Mitos do Pensamento Brasileiro. *Revista Sociologias*, São Paulo, ano 04, Nº 7, Janeiro / Junho, 2002. P. 176-187.
- _____. *Sociologia e Literatura*. In *Sociedade e Literatura no Brasil*. José Antonio Segatto; Ude Baldan (Orgs). Editora Unesp, São Paulo, 1999, p. 9-42
- LEÃO, Andréa Borges. Como fazer uma sociologia da singularidade? *Autoria e Campo Literário*. *Estudos de Sociologia*, v. 14, nº27, p. 301-316, 2009.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- MARTINS, Wilson. *A Literatura Brasileira, Volume VI: O Modernismo (1916-1945)*. 5ª Edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1969.
- SCHWARTZ, Jorge. *Literatura Comentada: Oswald de Andrade - Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Jorge Schwartz*. – 2 ed– São Paulo: Nova Cultural, 1988.